

## LEITURA CRÍTICA SOBRE MARCAS DA TERRA, MARCAS NA TERRA

Catitu Tayassu<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo propõe uma leitura crítica acerca de um livro recentemente publicado no Brasil e intitulado: “Marcas da Terra, Marcas na Terra”. O trabalho da autora revela uma abordagem sensível no campo da História e da Historiografia contemporânea. A obra permite um diálogo com outros campos de reflexão e de pesquisa, notadamente, a Educação, a Antropologia e terrenos, cujos temas associam discussões sobre os movimentos migratórios das populações/comunidades agrárias ou rurais.

**Palavras-chaves:** Terra, Migrações rurais, Populações agrícolas, Brasil, Mato Grosso, Reocupação de Terras, Trabalhadores Rurais, Histórias de Vida, Historiographie.

**Abstract:** This article offers a critical reading of a book recently published in Brazil and entitled “Marcas da Terra, Marcas na Terra” (Soil’s Prints, Prints in the Soil). The work of the authoress is a sensible approach in the vast field of history and contemporary historiography. The book provides a dialogue with other fields of thought and research, including Sciences of Education, Anthropology and study issues related to the migration of populations / rural and farming communities fields.

**Keywords:** Earth, rural migration, agricultural populations, Brazil, Mato Grosso, Lands reoccupation, Agricultural workers, Life Stories, Historiographie.

Cada livro conta a sua história. “Marcas da Terra, Marcas na Terra: um estudo da terra como patrimônio cultural e histórico – Guarantã do Norte Mato Grosso (1984-1990)” conta não apenas a história de uma pesquisa de doutorado e de uma historiadora em campo, como também restitui histórias (fragmentos, memórias, reflexões, lembranças, imagens,

---

<sup>1</sup> Catitu Tayassu é Pós-Doutora em História (CRH-EHESS) e História Cultural (UVSQY). Com formação pós-doutoral em Antropologia Textual (LAHIC-EHESS). Pesquisadora e Conferencista no campo da Antropologia dos Gestos, dos Movimentos e Performances Afro-Ameríndias (PVAM-Paris). Doutora em Ciências da Educação (FaE/CEALE/UFMG). Fundadora e Diretora da Associação “Pour la Vie Ailleurs & Maintenant” ([www.pourlavieailleurs.org](http://www.pourlavieailleurs.org)). Pesquisadora associada à equipe dirigida pelo historiador Elikia M’Bokolo (Centre de Estudos Africanos, Paris, em 2012). Pesquisadora Visitante do Exterior-CAPES-PVE (PPGDSCI-†CEAM-†UnB/2013). Membro da Academia Cidadã, da Universidade Popular Africana e Universidade da Terra, França. Pesquisadora Associada junto ao Núcleo de Estudos sobre as Performances Afro-†Ameríndias NEPAA-†UNIRIO, 2014.

fotografias e relatos) sobre homens e mulheres que trabalham a terra, vivem com a terra e estabelecem com ela suas marcas, seus percursos e suas vivências.

Alguns livros dialogam e participam à produção teórico-metodológica desenvolvida por campos, como: a História, a Sociologia, a Antropologia, a Literatura, a Educação, dentre outras áreas. Todos os livros, de um modo ou outro, dinamizam a longa e complexa História Cultural, onde nesse campo se integram: a oralidade, a leitura, a escrita, a imprensa, as multimídias, os recursos de comunicações à distância, o mundo da palavra pela web e os equipamentos decorrentes dessa invenção e sua expansão mundo afora.

O livro de Nancy Alessio Magalhães, publicado em outubro de 2013, pela Editora da Universidade de Brasília, e intitulado - *Marcas da Terra, Marcas na Terra* - não foge ao seu compromisso como objeto cultural e objeto impresso no conjunto da História Social do Livro. O seu conteúdo permite dialogar com o campo do Patrimônio Cultural e Histórico, onde a terra também é, nesse livro, não apenas o “objeto” da luta campestre, mas, sobretudo um patrimônio, no dizer da autora tanto no subtítulo, quanto ao longo da obra.

A terra é uma linguagem, e no meu modo de ver e de interpretar a obra e a escrita construída pela autora, a sua linguagem é uma terra, donde homens e mulheres são re(a)presentados e reconsiderados em um dado tempo e espaço.

Assim, a terra tem a sua voz e, nesse livro, os seus enunciados são reinterpretados pela autora, a partir de uma escuta sensível e de seu olhar atento acerca do mundo; o mundo dos campestres, dos trabalhadores rurais e dos ameríndios citados por esses mesmos homens e mulheres do campo. Esses imigrantes rurais não apenas escutam a terra, mas reconhecem seus limites, necessidades e possibilidades. Eles se pronunciam, quando consideram os riscos que adulteram a terra e a sacrificam em nome dos interesses mundanos: economicistas e desenvolvimentistas.

Este artigo pretende estabelecer com outros leitores e leitoras um ponto de vista, para além das trocas realizadas com a autora, durante a minha estadia no Brasil e, naquele contexto, o cuidado com o qual procedi a leitura de seu trabalho. Ao atravessar as páginas dedicadas à fundamentação e ao recorte teórico-metodológico, em seguida, aos relatos dos campestres - migrantes e, por fim, às imagens, em grande parte, realizadas na região de Guarantã, Norte do Estado do Mato Grosso, logo senti o desejo de compartilhar com outros interlocutores, alunos, professores e pesquisadores as minhas impressões sobre a obra em questão.

O livro de Nancy Alessio Magalhães possibilita correlações para além dos campos da História e Historiografia Brasileira. Refiro-me aos

estudos e à cinematografia, sobretudo, a partir dos anos 90, e desenvolvidos tanto nas Américas, mas não somente. São temas correlatos. São problemáticas em correspondência. São sujeitos-objetos entrecruzados e relacionados aos campos da Antropologia Cultural, da Sociologia e da Educação do Campo e do que em breve, vai certamente integrar os *Estudos da Terra*, os *Estudos sobre a Terra*, embora eles possivelmente não estarão anexados apenas no campo da Geografia.

Esse livro, embora constituído a partir de depoimentos e análises sobre a situação de camponeses-migrantes, durante os anos de 1984 e 1990, prossegue atual e colabora para o mapeamento e a discussão sobre o tema, tanto no Estado do Mato Grosso, quanto para as demais regiões brasileiras. A edição do livro corrobora à reflexão sobre a questão geopolítica no país e *co-incide* com dilemas e definições atuais e prementes, em particular, àquelas quanto ao destino das terras (já demarcadas ou em processo de demarcação) entre as comunidades ameríndias, mas também entre os quilombolas e os demais trabalhadores rurais/trabalhadores sem terra.<sup>2</sup>

Nesse sentido chamo a atenção quanto à cronologia da obra. Ela reúne três tempos, os quais são unificados no projeto autoral de Nancy Alessio e, bem evidentemente, na publicação de seu livro. Desse modo destaco: 2013, a edição e a difusão da obra propriamente dita, 1984-1990, estudo teórico, trabalho de campo, coleta e transcrição dos depoimentos e, 1996, data da defesa da tese e titulação doutoral da autora.

Tal temporalidade constitui a marca referencial quanto à ordem do discurso presente nesse livro. Ela reincide, **em primeiro lugar**, sobre a contribuição dessa edição, particularmente, junto aos campos das Ciências Humanas. Nesse sentido devo sublinhar a sua articulação com outros estudos e obras e, mais especificamente, com a filmografia difundida sobre o tema: nas Américas, Áfricas e Ásia.<sup>3</sup>

<sup>2</sup> Refiro-me às manifestações públicas, sobretudo, àquelas realizadas em todo o Brasil e no Exterior, durante os dias 30 de setembro e 5 de outubro de 2013. Os protestos são contrários aos Projetos de Leis e Emendas à Constituição, as quais ameaçam os direitos territoriais de povos e comunidades tradicionais e, por extensão, as terras já demarcadas, mas também aquelas, onde não há título de propriedade (ou outro mecanismo de proteção legal) conferidos aos trabalhadores sem terra, ameríndios, quilombolas, geraizeiros, camponeses e outros pequenos trabalhadores rurais. Os protestos públicos buscam revogar: (a) as Propostas de Emendas Constitucionais 038/99 e 215/00, as quais propõem a transferência quanto à atribuição da demarcação das terras do Executivo para o Legislativo; (b) a Emenda 237/13 favorável ao arrendamento das terras ameríndias para os grandes produtores rurais; (c) o Projeto de Lei 1610/96, quanto à exploração mineral em territórios demarcados e (d) o Projeto de Lei Complementar 227/12, destinado à legalização de latifúndios e assentamentos dentro das terras ameríndias.

(Cf. <http://www.cartacapital.com.br/politica/2013-ce-hora-de-ir-para-cima-para-o-embate2013-4865.html>)

<sup>3</sup> O livro de Nancy fez-me pensar, por exemplo, no livro esgotado de Juan Mejía Botero, cujo filme perdura intrigante, interessante e pertinente: *¿Independencia para quién?*. Documentário difundido em 2010 por Films Enlucha, Colombia, Pico y Pala Distribuidora. Além dos excelentes documentários de Jean-Michel Rodrigo, em particular, dois deles, ambos lançados em 2008: *La*

A obra de Nancy Alessio Magalhães manifesta a sua clara pertinência e contribuição para os estudos sobre: *Terra-Sociedade; Patrimônio-Desenvolvimento*.<sup>4</sup> Essa separação temática é apenas didática, neste artigo. Ela tem o intuito de sublinhar a preocupação (emergente nesse livro) quanto às outras relações com a terra, ou seja, as relações consideradas “arcaicas”: aquelas que tentam preservar e respeitar a relação Homem-Natureza-Sociedade. Da mesma forma a terra é resgatada como patrimônio vivo o que implica, nesse livro, a possibilidade de reavaliação dos mecanismos e processos deflagrados pelas políticas desenvolvimentistas, e suas consequências para a população entrevistada em Guarantã/MT, mas para as demais populações do campo.

Assim à medida que lemos a obra permite a releitura, em 2013, sobre os anos de 1984 e 1990, no Brasil. Além disso, somos mobilizados/sensibilizados pela força discursiva dos trabalhador-migrantes; populações que lutam e buscam terra/terras. Seus depoimentos, linguagens e visões de mundo revelam velhas marcas com a terra, como também as novas marcas pela terra; essa terra frequentemente desconsiderada pelos usos e abusos do capital industrial e dos agronegócios.

Nesse sentido o livro de Nancy Alessio Magalhães (re) apresenta aspectos importantes sobre certos problemas abordados pelos camponeses, em particular, quanto às questões: *Terra-Sociedade*, como também, *Patrimônio-Desenvolvimento*.

Em **segundo lugar** devo destacar que o livro é oportuno para cotejar o tempo (nacional), como uma espécie de “mundo paralelo”, a partir do qual pode-se ler (no tempo e realidade atuais) os depoimentos e declarações dos trabalhadores-camponeses, quando dos primeiros anos, após a ditadura militar no país.

Desse modo, em dois planos, podemos não apenas conhecer os discursos rurais na região de Guarantã do Norte, como concomitantemente evocar naquele contexto (tempo e espaço) as tentativas (nacionais) pela expansão das políticas de desenvolvimento, a criação das instituições democráticas e a mobilização em favor de um novo impulso nacional (não nacionalista) indispensável à fundação da (nova) nação, ou seja, a pátria

---

*Guerre des Cotons* (EUA-Africa Ocidental – China) e *Villa El Salvador, les bâtisseurs du désert*, outro excelente documentário produzido no Peru (ao Sul de Lima).

<sup>4</sup> Um campo em expansão, notadamente na Europa, nas Áfricas, ao Norte da Europa, na América Central, como também nas Américas do Norte e do Sul. Isto, embora no passado os estudos sobre Terra & Patrimônio estivessem mais frequentemente aliadas às abordagens macroestruturais e quantitativas, como também mais frequentemente orientadas por perspectivas demográficas, geográficas e econômicas e, desse modo, mais fortemente veiculadas aos estudos sobre Sociedade-Política & Desenvolvimento ou em campos diversos das chamadas: Ciências Sociais.

numa tentativa de reconciliação entre grupos e indivíduos e, deles, as alianças com os outros (novos) setores da sociedade, até então (cor)rompidos pelos anos da ditadura.

Em **terceiro e último lugar** há nesse livro a transposição entre o tempo geral e o tempo local. Eles são de outro modo manifestos, ora mais, ora menos subjacentes ao processo da escrita. Assim a coexistência ou a sobreposição de tempos-espços vivenciados pelos camponeses-migrantes em Guarantã-MT e os tempos-espços destinados aos movimentos políticos, antes da nova crise brasileira em 1991.

Os depoimentos foram concluídos antes da (outra) crise político-econômica brasileira, cujo “ataque sísmico” em 1991 revelou seus desdobramentos sobre a previdência social, o controle fiscal, a falta de protecionismo às instituições do Estado pelo bem-estar social, a falta de credibilidade bancária naquele contexto, as medidas de retenção do capital privado, a alteração monetária em consequência e as falências deflagradas, o fluxo da emigração brasileira, como também, o *impeachment* contra o então presidente Fernando Collor de Melo.

Naquele contexto, entre as piores consequências de efeito moral e social, a impunidade política e a desorientação econômica do país não só fizeram parte do processo sobre a crise brasileira como constituíram as demandas/as prerrogativas para a “nova mudança”; uma mudança imprescindível ao país.<sup>5</sup>

Assim, as temporalidades (cruzadas) no livro de Nancy Alessio Magalhães aparecem e se subentendem como num espelho tridimensional, por meio do qual a autora atravessa mãos livres a sua escrita e restitui o seu “laboratório” de investigação, reflexão e análise.

Desse modo podemos conhecer o quadro referencial adotado no campo da História e reconhecer o caráter interdisciplinar marcante na trajetória de leitura da autora. Uma trajetória marcada pela interdisciplinaridade que tanto parece revelar sua escolha e posição no campo da História, quanto demonstra a polifonia dos textos, livros e obras utilizados e difundidos, em particular nos anos 80-90, quando de sua formação e doutoramento.

<sup>5</sup> *Terra Estrangeira*, dirigido por Walter Salles e codirigido por Daniela Thomas, é um filme luso-brasileiro (1996), realizado após o Impeachment contra o então presidente eleito. O filme procura resgatar, particularmente no início da obra alguns fatos, ventos e decorrências políticas e econômicas que impulsionaram a retirada de brasileiros, notadamente, para Portugal, Europa, países do Leste-Europeu e Ásia, além do fluxo emigratório para os Estados Unidos. Um período marcante para o cinema brasileiro, quando Collor confisca bens e capitais, como extingue entre outras instituições: a Embrafilmes, o Concine, a Fundação do Cinema Brasileiro, o MC e suas leis de incentivos. Com o fim dos órgãos federais fazer cinema no Brasil tornou-se impraticável, portanto, *Terra Estrangeira* de Walter Salles é tanto esse Brasil-Collor, esse país pós-Collor, como é também a terra estrangeira de Portugal para a personagem Paco (autor Fernando Alves Pinto) que encarna “os brasileiros” em situação de emigração.

A sensibilidade peculiar à autora nos permite rever e redimensionar aspectos ligados à sua formação-atuação no campo da História e, isso, mediante o movimento de abertura e de diálogo transcorrido na década de 80, no Brasil e, fora do Brasil. Assim o olhar que ela nos oferece quanto às mudanças políticas, sociais e paradigmáticas decorrentes da chamada *Nova Sociologia e a Nova História* (Ver, em particular, Capítulo IV, do livro.)

A escrita opera algumas vezes como, já foi dito, como um espelho. Porém, nesse espelho não reconhecemos apenas a História, como campo exclusivo desse olhar ou como campo privilegiado para integrar as imagens e reflexões contidas no livro.

Desse modo, Nancy Alessio Magalhães pode, pois afirmar o seu referencial, o quadro conceitual a partir do qual escreve e sobre o qual reflete. Assim, nas palavras da autora:

“... a História não possui determinações fixas” portanto seria faltar com o bom senso ou o sentido da própria História, quando tenta-se “buscar efeitos ou desdobramentos de uma História Geral já estabelecida, ainda que fosse para descobrir outros problemas e hipóteses, sempre condicionados a esse parâmetro tido como absoluto.” (pp. 132-3).

O trabalho de autoria demonstra uma construção sutil e cuidadosa. Ele segue as trilhas da História – seus caminhos, descaminhos e dez caminhos, como também, as pistas, as vertentes e as frestas acerca das memórias e dos depoimentos dos camponeses-migrantes.

A autora discute e assume assim: “o princípio de que o local é o geral se fazendo, é uma experiência que tem dimensões de totalidade” e, por isso, devo sublinhar: essa frase exprime não apenas um pensamento complexo com palavras simples, mas significa também como a simplicidade não é alheia à profundidade. (cf. pp. 132)

Nesse sentido o espaço rural não apenas serviu como suporte à elaboração de seu trabalho, como foi a região de Guarantã do Norte, no Mato Grosso, o local sobre o geral ou “o geral se fazendo”, como preferiu dizer, e lindamente, a autora. O campo não foi, portanto apenas o cenário para o “laboratório” da historiadora e nem, simplesmente, o pano de fundo para objetivar as relações entre camponeses- migrantes e a terra.

O campo, os campesinos, suas vivências e seus testemunhos configuraram (reunidos) o espaço, ou como prefiro designar, a *paisagem* natural, social, cultural, linguística, imagética e patrimonial.

Nessa paisagem há histórias de vida, cujas temporalidades a memória evoca, esquece e torna a lembrar nessa rica relação entrevistadora-entrevistando. Por meio dela surgem marcas identitárias, esperanças, decepções, relatos e discursos.<sup>6</sup> Eles são restituídos, durante o trabalho de campo e reincorporados através dos depoimentos transcritos o que, a meu ver, permite aos leitores do livro outra Sociologia Histórica, como também outra forma de História Social.

Essa Sociologia Histórica e História Social são exploradas por Nancy Alessio Magalhães quando ela resgata aspectos microsociais e quando ela evidencia elementos sobre as histórias de vida: a dura lida com a enxada e as histórias Severina das mulheres- camponesas. Assim à medida que avançamos a leitura do livro de Nancy Alessio percebemos pois Mulheres-memória. Mulheres-palavra. Mulheres-tradição. Mulheres-terra. Mulheres - sem terra.

Assim, tal espaço ou “paisagem” (da pesquisa) é reapropriado como um “lugar social” e um “lugar histórico”, onde famílias-migrantes são sujeitos e atores, com vozes e apelos à medida que eles criam e recriam significados e estabelecem relações e interações com a terra. Desse movimento, então, a paisagem que a(s) palavra(s) cria(m). Paisagens como as cores verde e vermelha presentes nas fotografias de Nancy Alessio Magalhães. Cores que as palavras carregam como tantas são as paisagens que reiteram os tons da vida. Os contrastes da lida. As duras penas do mundo rural e os sonhos verdes pela terra vermelha; a terra reclamada em Guarantã do Norte, no Mato Grosso.

Pela dinâmica do livro de Nancy Alessio Magalhães fica, pois restituídas tanto as redes sociais e os sujeitos imersos nessa grande categoria da (chamada) História Nacional, quanto as relações entre êxodo, nomadismo e (des)enraizamento, durante as sucessivas políticas agrícolas dos governos, suas relações entre um certo mundo rural e um novo mundo agroindustrial em expansão.

Essa espécie de simbiose entre dois mundos não acontece, como aprendemos nesse livro, sem que um conjunto de circunstâncias próprias aos universos individuais, familiares e sociais seja transformado também pelas direções políticas, no Brasil, embora, ao mesmo tempo, há resistência e alteridade por parte dos camponeses - migrantes já que eles interagem e reagem como agentes de transformação, como sujeitos da História, pelo

<sup>6</sup> “Discurso” cuja ordem e conceito foram explorados por Michel Foucault em sua aula inaugural: “A ordem do discurso”. In: *Leituras Filosóficas* (para a edição brasileira) em sua 7ª edição em 2001 pelas Edições Loyola em São Paulo e com a edição de texto de Marcos José Marcionilo. Texto original em 1970 e a publicação no Brasil, em 1996.

menos, como sujeitos que podem ser, que conseguem ser, naquele tempo-espaço ou paisagem sociopolítica e cultural.

Esse processo dinâmico, a meu ver, uma História em movimento, implica, pois os preconceitos, os conflitos, as modalidades de coibição, mas também as resistências desenvolvidas pelos camponeses mediante às oposições e às possibilidades que encontram ou àquelas que conquistam, também, mas não somente, em relação aos ameríndios do Mato Grosso e às políticas da terra, diferentemente aplicadas, embora tanto os ameríndios, quanto os trabalhadores rurais sofriam/sofrem ameaças quanto à perda das terras e de seus patrimônios. (Cf. pp. 423-426).

Isso posto gostaria, então, de articular os resultados desse livro com pelo menos quatro campos de investigação. O primeiro deles diz respeito ao campo da História Oral. A abordagem teórico-metodológica empregada restitui vozes, depoimentos e relatos que se perderiam sem o trabalho assíduo e o tratamento aplicado por parte da pesquisadora. Essa escolha permitiu ultrapassar as fronteiras da História e oferecer outras perspectivas para a compreensão da realidade, dentro e fora da História, dentro e fora dos limites locais e das contingências gerais, que abarcam a História Geopolítica, Social e Cultural Brasileira.

O segundo campo de estudo que percebo como um território articulado ao sujeito-objeto desse livro refere-se à História Social ou, mais especificamente, a Memória Social da Terra. Nessa direção as pistas, os vestígios, as informações, os dados e os apontamentos construídos, restituídos e transcritos pela autora não apenas retiram da invisibilidade aquela comunidade campesina de Guarantã/MT, como resignificam o sentido dessa “comunidade” em torno da terra: seus valores, tradições, deslocamentos, lutas, conquistas, perdas, retomadas e suas relações/interações no uso (com a) da terra.

Assim, embora a memória e a história possam, segundo os referenciais teóricos adotados, encontrar-se em polos opostos, em campos distintos e sem nenhuma convergência para o estabelecimento de algumas leituras e interpretações em comum, devo sublinhar, que o trabalho de campo em Guarantã, Norte do MT, como aquele acrescido pela experiência de Nancy Alessio Guimarães em Cuiabá, Acre (Xapuri, Feijó, Cruzeiro do Sul e Rio Branco), Pará, Amapá (Mazagão e Curiaú) e Roraima (Boa Vista, Normandia, Bonfim e Caroebe) pode promover o seu livro como um resultado interessante e de interesse, também, para o campo da História- Memória, em particular, a Memória-História da Terra<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> Essa que de fato se assemelha a uma espécie de *Antropologia da Terra*, onde há alguns anos, os ameríndios dos Andes e de outros países da América do Sul têm promovido essa espécie de Antropologia (sem universidades). Trata-se de uma forma de *inteligência*



O terceiro campo de estudo refere-se aos estudos mais recentes sobre Patrimônio Cultural ou Patrimônio Histórico o que nos leva ao subtítulo adotado pela autora da obra. Esse patrimônio humano, como tenho discutido e defendido ao longo dos últimos dez anos integra a terra como uma linguagem. Nessa perspectiva teórica e metodológica a terra fala, através dos que falam pela terra. Nancy Alessio Magalhães torna possível, acessível e inteligível o falar camponês dos anos oitenta nesse novo milênio.

Nesse sentido a enunciação para os que com a terra se comunicam acabam, por ela, transformados, quanto a própria terra é também modificada por aqueles que com ela interagem. No livro de Nancy Alessio Magalhães as falas camponesas sobre a terra e sobre o grupo assim se manifestam. Estão, pois presentes elas, enunciações, cujos discursos, enunciados e linguagens evidenciam uma espécie de gramática da terra: práticas, dialogias, concepções de mundo, experiências, movimentos e interações ora em continuidade, ora em descontinuidade.

No conjunto desse livro percebe-se pois esse referencial: terra-patrimônio, terra- cultura. Assim fica evidenciada o quanto a terra tem, mantém sua linguagem-viva e, portanto, o que ela significa como um patrimônio histórico e cultural para os trabalhadores-camponeses no Norte do Mato Grosso, como para todos nós distantes daquela região.

Assim, terra-patrimônio vivo parece pois reforça nos camponeses a sustentabilidade de suas atividades, de seus modos de viver, de suas lutas e conquistas pelos lotes-de-terra. O que não se fala é porque não se sabe falar ou, talvez, porque nem tudo que se diz nascem com as palavras, nascem em entrevistas, nascem quando a terra é mais um sonho do que propriamente um lote a ser cuidado porque já reconhecido e, portanto, sem demandas, lutas e conflitos.

Porém, quando fixados intensificam-se os mecanismos e processos pela manutenção e prosperidade dos valores, posicionamentos, das atitudes, crenças, experiências e práticas que os permitiram estar na terra. Fixar-se parece, pois representar para os camponeses- migrantes a possibilidade de continuidade do movimento (histórico) iniciado pelas gerações precedentes. Isso significa também a possibilidade concreta de inscrever a sua história, construir a sua memória e desenvolver o seu patrimônio humano e material na terra que os acolhe e na terra que conquistaram.

---

*coletiva* pelo querer bem, o saber viver, o andar em harmonia e o construir em grupo – velhos princípios da cosmovisão andina ou *amerandiana* ou, simplesmente, ameríndia. Sociólogos, antropólogos, linguistas, jornalistas cineastas, artistas e historiadores têm, como eu, acompanhado esse movimento de reconstrução solidária, de uma resistência e alteridade, como prefiro designar, a partir de trabalhos, iniciativas e ações em que procuramos não atrapalhar e, se possível, partilhar, vivenciar e contribuir com eles.

Nesse sentido apresento um quarto e último campo referencial relacionado às contribuições de Nancy Alessio Magalhães, nesse artigo crítico sobre o seu livro. Refiro-me aos estudos relacionados ao campo da História das Sensibilidades<sup>8</sup>, onde talvez o mais importante a destacar, neste texto, é a escolha e o tratamento das fontes, a partir das quais é possível reler, rever, recontar, restituir, lembrar, rememorar, resituar, reinterpretar ou reescrever a História, mas sem que, ela, ou outras Histórias venha(m) a ser universalista(s) e totalizante(s).

Isso significa dizer também: sem que tal História ou outras Histórias funcione(m) como um discurso ou recurso para desmaterializar o mundo arcaico e perpetuar a pobreza (moral e material) dos grupos, famílias e indivíduos que mantêm com o mundo ancestral uma relação *sui generis*. Essa outra História, diferente da atual, deveria pois ultrapassar as representações e reconfigurações geradas pelo mundo industrial, desde a modernidade à era pós-moderna, o que implica os limites a partir de mecanismos, processos e revoluções, como também os vícios, as exclusões e as perturbações que incidem e incidiram sobre práticas, costumes e tradições, e fizeram/fazem dos novos objetos de consumo os novos objetos - fetiche da História do presente.

Na História das Sensibilidades<sup>9</sup> o conceito de paisagem sonora, paisagem visual (e outras) não só aparecem como são constitutivas ao próprio campo historiográfico e ao fazer sensível que ele implica diante de fontes, que nem fontes foram ou são para a Grande História. Dar outro tratamento ao material selecionado ou inventariado, a fim que se torne uma fonte documental e recrie paisagens, hoje, perdidas ou obliteradas pelo tempo e pelo esquecimento. Este constitui parte do exercício do historiador, do antropólogo ou de outro especialista afeito à História das Sensibilidades. Nancy Alessio Guimarães disse no seu livro, o mesmo, de outra forma

<sup>8</sup> Faço um destaque ao evento em Toulouse, cujo Colóquio Internacional sobre os Cinco Sentidos reuniu em 2013 um grande número de antropólogos, sociólogos, linguistas, etnólogos, historiadores, dentre outros profissionais e especialistas, dedicados à troca de experiências e a partilha dos trabalhos desenvolvidos (ou em processo) nesse campo que na França, denominamos, como a História das Sensibilidades. Chamou-me a atenção, nesse fórum acadêmico, as contribuições, quando de minha apresentação sobre "Línguas, Culturas e Povos: da Idade Média à Memória-Viva do Patrimônio Histórico da Humanidade". Naquela circunstância identificar preciosos trabalhos, como os de Arlete Farge, Alain Corbin e Alexandre Vincent, dentre outros, igualmente interessados nas paisagens sonoras, nas imagens sonoras e nos eventos sonoros e, em particular, para eles, àquelas/àqueles que remontam paisagens históricas, circunstâncias sociais, eventos políticos e/ou culturais no quadro medieval francês. (Cf. "Penser les cinq sens au Moyen-Âge: poétique, esthétique, éthique" - Colloque National du laboratoire PLH ELH- Université de Toulouse, le Mirail.)

<sup>9</sup> Esse campo na América do Norte, em outras partes da Europa e no Pacífico não me parece igualmente abordado como os estudos de orientação francesa, os quais estou familiarizada e procuro me integrar numa produção de conhecimento que leve em consideração outros povos, culturas e línguas como "paisagens." Cabe portanto, aos que se interessam, escavar as *rutinas* da História e, como nos lembra Manuel de Barros, *elas dão árvores*. (Cf. epígrafe na abertura do livro de Nancy Alessio Magalhães).

e em dialogia com Alfredo Bosi: “*É preciso olhar tudo de novo: devagar*”. (cf. pp. 49)

Reitero então o que, no interior de seu livro, reconheci como um zelo, bem como a atenção arguta da autora contra os riscos de uma universalização ou “fundamentalismo” da História Geral ou Oficial.

Nesse sentido percebe-se a ética e zelo como num só fio: entrecruzado e norteador - o Norte de Guarantã, pelo Norte do Mato Grosso. Esse fio eu poderia descrevê-lo: *comme le fil rouge à travers le temps et au-delà du temps de l’Histoire*<sup>10</sup>. O olhar curioso. O fio da navalha. O fio da história. O olhar da autor fino ou tênue buraco da agulha. Agulha e fio enquanto as mulheres de lá – as mulheres do norte - também costuram suas histórias de vida e bordam seus pontos e seus panos, como a autora fia o seu bordado de pesquisa e fiando vai tecendo a sua história junto à História.

Nancy Alessio Magalhães preserva esse fio tênue que emenda as histórias orais e a história de via numa História pelo Brasil e sobre uma parte do Brasil. Ela resguarda imagens dentro das palavras e afirma essa prática como um discurso ou uma prática historiográfica. Tal posicionamento, no campo da investigação científica significa reiterar uma postura acadêmica diferente daquela esperada pelo mundo político, pelo mundo industrial e seus mecanismos/lógicas de funcionamento.

O trabalho da autora é pois oportuno para reincidir contra as aproximações com os indivíduos, famílias e grupos, a partir dos quais a apropriação do mundo arcaico é feita, segundo as lógicas neoliberais e os mecanismos acadêmicos que podem, eles também, favorecer o controle e a massificação dos sujeitos e práticas, fortalecer o sistema do capital e reiterar paradigmas, cujos modelos de progresso e os discurso de poder apenas reafirmam o racionalismo contemporâneo como a resposta e a direção para as novas marcas da terra, as novas marcas na terra.

No sentido neste artigo quero ainda restituir léxicos que demonstram os movimentos da História, os movimentos da Memória, os movimentos historiográficos da pesquisadora pelos movimentos com a terra, os movimentos humanos, os movimentos dos lavradores (homens e mulheres) sobre os seus movimentos de luta e direito.

Esse complexo trabalho designa, a meu ver, um corpo lexical ou um campo linguístico ou, ainda, um campo discursivo do mundo do campo. Nele (re)aparecem ou emergem expressões, nomenclaturas, conceitos ou, simplesmente, as **OUTRAS MARCAS DA TERRA** pelas **MARCAS**

<sup>10</sup> Como o fio vermelho no desenrolar do tempo e para além do Tempo da História.

que compõem as entrevistas, os contatos, os depoimentos e os relatos dos campesinos. Tais marcas referenciais conformam uma outra “ordem do discurso”, cujos léxicos restituem não apenas vocábulos, mas conformam uma linguagem; a linguagem restituída pelo trabalho de campo ou a linguagem dos camponeses - migrantes de Guarantã/MT para a pesquisadora.

Retomo, aqui, parte desse universo linguístico, a fim que os leitores/ leitoras deste artigo possam também perceber, refletir, pronunciar, provar e percorrer o caminho lexical e semântico que pude retomar e restituir à medida que fui lendo, que fui devorando, que fui desbravando o verde-vermelho entre as “Marcas da Terra, Marcas na Terra”:

“Gleba, Terra, Rio, Mato, Floresta, Povoado, Comunidades, Aldeias, Estradas, Fazendas, Acampamentos, Casas, Abrigos, Lote, Sítio, Galpão, Garimpo, Vilas, Cidades, Escola, Igreja e, paralelamente ao longo do livro, Arado, Plantio, Estiagem, Chuva, Milho, Colheiteira, Arroz, Criação, Pasto, Vaca, Boi, Ouro, Sequeiro, Semente, Sol, Mandioca, Feijão, Batata, Abóbora, Trigo, Enxada, Picareta, Caminhada, A Pé, Travessia, Cavalo, Carro de Boi, Carroça, Barco, Motor, Máquina, Carro, Trator, Ônibus, Avião, Helicóptero, Rádio, Televisão, Vídeo, Filme, Sala, Projeção, Guarantã, Norte, Mato Grosso, Colíder, Cachimbo, Zona Rural, Campo, Associação, Universidade, Terra Nova, Santarém, Malária, Gripe, Doença, Cura, Sem Terra, Farmácia, Internar, Desorientado, Falecido, Santarém, Inverno, Nova Guarita, Outono, Guaporã, Verão, Mutum, Roça, Alta Floresta, Paranaíba, Banho, Palmira, Terra, Santa Catarina, Rio Grande, Rio Grande do Sul, cortar, amontoar, triar, vender, comprar, carpir, derrubar, plantar, juquira<sup>11</sup>, trabalhar, replantar, memória, esquecer, lembrança, construir, dança, brinca, canta, diverte, arrasta pezinho, baile, festa, Porto Alegre, nome, gringo, alemão, estrangeiro, produto químico, tombamento, árvore, trator, brasileiro, índios, cacique, roçadeira, triadeira, quiçaça, pauleira, queimada, minério, comércio, governo, sem terra, luta, pedaço, terra, vida, mulher, homem, fio, mãe, pai, nós, longe, aqui...”

Esse corpo linguístico corre pelas veias do livro e bem evidentemente são veias de um corpo mais vasto, mais rico, mais denso e, por isso, também vale ler o livro e, sobretudo, perpassar a terra desse livro: comer, mastigar e provar novamente as cores que as palavras têm, deixam e criam, bem como

<sup>11</sup> Cf. pp. 275-276 do livro *Marcas da Terra, Marcas na Terra* transcrevo: “O ditado deles é esse: *Juquira que eles fala é carpir, derrubar, plantar, então é juquira. Juquira é bicho besta e não quer nem saber*”.

o gosto que elas deixam, o sentido que elas evocam, as direções para as quais elas apontam...

Essas palavras camponesas em 1984... Essas sementes cultivadas pelo percurso doutoral de Nancy Alessio e, mais tarde, essas palavras- frutos do doutorado tornaram-se parte de seu caminho... São palavras-árvores e elas servem à reflexão, à sombra, ao frescor, ao amadurecimento, à brisa, à releitura e à reinterpretação de um percurso de vida e trabalho; o trabalho historiográfico e o trabalho autoral assinado por Nancy Alessio.

Todo esse campo lexical reitera (reafirma, resgata, recupera, restitui e retoma) a terra: suas marcas, suas conotações, suas exclamações, suas interrogações, suas afirmações, suas indefinições durante os processos humanos e, portanto, durante as reviravoltas do desenvolvimento industrial. Isso, sem omitir, os deslocamentos, as lutas, as ocupações dos camponeses -migrantes pela conquista da terra; pela conquista do direito à terra.

Homens e Mulheres por detrás dos verbos. Vidas secas, vidas suadas pelas mãos na terra. Destinos certos, histórias incertas numa Guarantã, pelo Norte do Mato Grosso, onde se (des)cruzam destinos, de um lado, os camponeses-migrantes e, do outro, a migração dos sobreviventes, após o genocídio dos ameríndios: Paraná- Kreen-Akarore. (Cf. pp.423-426).

Todo esse pormenor pode-se ler ou reaprender com o livro de Nancy Alessio Magalhães, portanto, obra atualíssima, conciliada aos mesmos (outros e novos) conflitos de terra pelos cantos do Mato Grosso, pelo Sul do mesmo Estado e pelo resto do Brasil. Leitura importante, pelo menos, para aqueles que aceitam contestar as perdas das terras, as retomadas para o agronegócio, mas sobretudo para quem, no campo, nas cidades, nas ruas, nas ribeiras, nas aldeias, nas reservas, nos acampamentos, nas empossadas e nas lutas desiguais pelos direitos à terra reconhecem, como conta o livro:

Dentre as mudanças que completariam para esses migrantes um processo de redenção pela terra, várias promessas não foram cumpridas, principalmente, a legalização da documentação da propriedade, o que os leva a prever que pesa sobre eles uma ameaça: a repetição da experiência dos grupos indígenas, isto é, perda da emancipação pela perda da terra, por meio do uso da força explícita pelos dominadores: a expulsão. Há terra sobrando no Brasil, inclusive para a especulação. Então, a expulsão dos índios – e, talvez, num futuro próximo, a deles mesmos, de Guarantã do Norte – não tem justificativa. Os índios precisam de extensões maiores do que os colonos e outros pequenos proprietários porque a sua cultura é diferente. Mas, todos precisam de uma terra forte, de onde saiam alimentos, sejam índios ou não. Só que estes praticamente não precisam da

cidade como mercado de seus produtos, o que não justifica destruí-los. Pode haver uma distribuição mais equânime de direitos. (Cf. pp. 424-425)

Nancy Alessio Magalhães conclui o livro numa espera que ele tenha oferecido janelas, obviamente abertas, sobre o valor do patrimônio cultural e histórico que representa a terra. A autora contempla, numa sua esperança, o processo dinâmico e provisório que representa a construção de uma investigação e, por meio dela, a palavra camponesa-migrante que de forma alguma é única, mas (nesse livro) é singular.

Essa palavra camponesa revela-se num mundo, cujas marcas sobre a terra, com a terra, na terra e pela terra fazem dessa mesma palavra: um discurso plural. O discurso (numa ordem própria a) dos camponeses - migrantes tem e assume vozes, tons, perspectivas, jeitos, maneiras, sotaques, trejeitos, paisagens, linguajares, e modalidades daqueles/daquelas que, numa língua portuguesa deles, acrescenta à Língua Mãe Portuguesa, o que ela não tem por si: acolhimento, moradia, guarita e a escuta entre Nancy Alessio Magalhães e aquela gente humilde de Guarantã do Norte entre 1984 e 1990.

Assim, como leitora, pesquisadora, professora e militante pela causa dos povos e comunidades tradicionais, fui, ao longo desse livro, sendo mais água levada pelo rio solto da palavra molhada, neste livro, que ora é conhecimento, ora é depoimento, ora são imagens da memória, ora são passeios pela História, como são também paisagens bonitas, memórias sobre descaminhos, estradas, curvas e atalhos criados pelas temporalidades que atravessam esse livro e, assim, até que, num dado momento, eu percebi uma outra Nancy Alessio Magalhães. Ela, bem amparada em suas janelas-verdes e, pelo livro aberto, no parapeito das janelas criadas para o leitor, assisti então, de outro jeito, de um outro ponto de vista, as conquistas e, também, as contradições desse Brasil querendo ser um Brasil maior, quiçá, melhor.

Esse Brasil devo dizer, que em 2013, tem se feito tão menos verde e amarelo, tão menos negro e vermelho, tão menos terra e liberdade, em particular, para os camponeses, ameríndios, quilombolas e trabalhadores sem terra - os de ontem e os de agora - mediante as mudanças (constitucionais) pleiteadas (e requeridas) pela bancada dos ruralistas e seus projetos economicistas/desenvolvimentistas. Mas qual economia? Qual desenvolvimento pode ser satisfatório quando as terras perdem suas marcas e ganham novas marcas: as marcas ditadas pela industrialização bravia e pelos interesses do capitalismo?

Assim e para finalizar este artigo sugiro apenas que os leitores/as leitoras não fujam às “janelas teóricas” abertas por Nancy Alessio em sua obra. Nelas encontrarão: perspectivas, vertentes, contribuições e limites, pois que todo conhecimento é sempre provisório e a História, como parte desse processo, não é uma História sobre vencidos ou a História dos vencedores. Trata-se de uma História em Movimento. Uma História sobre os Movimentos Humanos. Uma História acerca dos movimentos sociais. Uma História pelos processos, através deles, o ir e vir de grupos em um dado contexto, espaço, época e um conjunto de circunstâncias que constroem uma lógica, mas não uma ortodoxia.

Portanto vale também atravessar o caminho estabelecido pelas referências bibliográficas que promoveram a tese de Nancy Alessio Magalhães e, em 2013, o seu novo lugar junto ao público, um livro. O dela fica de pé não pelo peso que tem, mas pela densidade dos propósitos e a leveza da escrita. No caso deste artigo crítico acerca de uma obra em especial não há outra indicação bibliográfica senão o próprio livro de Nancy Alessio<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> In Memorium à Nancy Alessio Guimarães, pois que agora ela conta as suas histórias para as estrelas, os astros e os planetas.